

Nº5 • Dezembro • 2024
ISSN: 2764-9601

Fluir

revista de estudos gestálticos



centro
gestáltico
de Fortaleza



centro
gestaltico
de Fortaleza



Fluir

A revista eletrônica **FLUIR**
é um veículo de comunicação do
Centro Gestáltico de Fortaleza
com a comunidade gestáltica,
acadêmica e social-comunitária.

É espaço de divulgação de trabalhos
científicos e reflexões afins,
aberto aos professores formadores,
aos alunos das formações do CGF
e demais sujeitos parceiros.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Editor Chefe

Dr. Sérgio Lizias Costa de Oliveira Rocha

lattes.cnpq.br/6674108606136824

Editora Adjunta

Ma. Maria Alice Queiroz de Brito

lattes.cnpq.br/6971371402679721

Conselho Científico

Ma. Alexandra Veras Sobreira

lattes.cnpq.br/0062300603305206

Dr. José Tancredo Lobo

lattes.cnpq.br/9618084825192955

Ma. Jéssica Pascoalino Pinheiro

lattes.cnpq.br/4923806490210925

Dra. Juliana Maria Pereira Diógenes

lattes.cnpq.br/1729025809044715

Capa, Diagramação e Arte Final

André Kiyoshi Shibata (Ki)

Imagens

Pexels.com

Bibliotecário

Nadsa Maria Araujo Cid - CRB 654

Financiamento

Centro Gestáltico de Fortaleza

PARTICIPE

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência de seguimento que se fizer necessária, deve ser endereçada a:

Editor

Revista de Estudos Gestálticos - Fluir

Centro Gestáltico de Fortaleza (CGF)

R. Pinho Pessoa, 1405, Dionísio Torres,
Fortaleza/CE, CEP: 60.135-205

Fone: (85) 3013-8274

Whatsapp: (85) 9.9921-0529

fluir@centrogestalticofortaleza.com.br

Todas as informações concernentes a esta publicação, tais como normas de apresentação de manuscritos, critérios de avaliação, modalidades de textos, etc., podem ser encontradas no site www.centrogestalticodefortaleza.com.br

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

F628

[Recurso Eletronico] / Centro Gestáltico de Fortaleza. n 5 (dezembro, 2024) - Fortaleza: Centro Gestáltico de Fortaleza, 2024-
ISSN: 2764-9601

Semestral

1. Gestalt-Terapia. 2. Educação. 3. Psicologia.
4. Saúde. 5. Pesquisa Qualitativa. 6. Filosofia. I. Centro Gestáltico de Fortaleza.

CDD 150.1954

Fluir

revista de estudos gestálticos

Nº 5 • Dezembro • 2024

ISSN: 2764-9601

SUMÁRIO

07

O PROCESSO CRIATIVO NA DANÇA DO VENTRE: A GESTALT E A DANÇA.

Alexandra Veras Sobreira

15

O TRABALHO COM A CRIANÇA INTERIOR FERIDA EM GESTALT-TERAPIA

Gustavo Alves Pereira de Assis

25

A PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NA ASSISTÊNCIA SOCIAL: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO A PARTIR DE UM OLHAR GESTÁLTICO.

Maria Alicya Teixeira Alves Firmo



O PROCESSO CRIATIVO NA DANÇA DO VENTRE: A GESTALT E A DANÇA.

*Alexandra Veras Sobreira*¹

RESUMO:

O presente artigo apresenta reflexões sobre a Gestalt-Terapia, com a pretensão de discorrer acerca da dança do ventre, no entrecruzamento com as duas temáticas. Os caminhos possíveis apontam para a experiência que se desdobra diante do efetivo avançar dos passos dançantes. Nesse percurso, é importante observar a relação corporal e experiencial, com a teoria da Gestalt atrelada a dança do ventre, buscando-se compreender as vivências que o trabalho corporal oferece como meio singular de cada processo. A pergunta disparadora é: como experienciar um corpo nos parâmetros da Gestalt, sob o olhar da dança do ventre, de forma a trazer a fluidez nos contatos e a criatividade espontânea? Com pesquisa qualitativa e enfoque na revisão bibliográfica, revisitamos grandes nomes da Gestalt-Terapia, como: Perls (1977), Polster (2001), Zinker (2007), Alvim (2016), dentre outros. Conclui-se que por ser uma abordagem que valoriza tanto a experiência, a Gestalt-Terapia pode promover possibilidades de olhar para o fenômeno de forma a valorizar as singularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt, dança do ventre, processo criativo.

¹Mestra em psicologia social, pela UFC. Gestalt-terapeuta, docente em faculdade de Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo fala sobre a dança do ventre e a Gestalt. Dois temas bem diferentes, mas que podem se unir de forma criativa. Os objetivos desse trabalho são, primeiramente, observar a relação corporal e experiencial, com a teoria da Gestalt atrelada a dança do ventre, em uma mistura provocativa e descolonizadora nas duas perspectivas, trazendo toda a irreverência da Gestalt nesse contexto; e buscar compreender as vivências que o trabalho corporal oferece como meio singular de cada processo. Para tal análise, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como recurso metodológico e pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa se aplica como método “[...] ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. (Minayo, 2014, p. 57).

Buscamos trazer autores conhecidos, atualizando para a inter-relação com a dança. Procurando responder a pergunta de partida: como olhar para um corpo nos parâmetros da Gestalt de forma a trazer a fluidez nos contatos e a criatividade espontânea.

A dança conhecida como ‘dança do ventre’, possui uma origem que não é muito delimitada. Em um universo cheio de imaginário popular, mistificações e preconceitos, procuramos abordar neste artigo, uma dança do ventre em um olhar e perspectiva pós-colonial, ou seja, tentando segregá-lo de um olhar heteronormativo e erotizado construído pelo homem europeu branco. Utilizaremos fontes históricas e o conceito de Orientalismo¹ trazido por Edward Said, na tentativa de distanciar a prática da dança do prazer do homem hétero. Pode-se definir a demarcação da conhecida dança do ventre, pelas invasões napoleônicas ao Egito, em julho de 1978, segundo Assunção e Paschoal (2022).

Esse período de invasão, foi responsável por disseminar a dança do ventre com o olhar do homem ocidental. A dança do ventre sobreviveu a colonização do Egito, mas não sem sofrer grandes transformações e influências dessa colonização de território e dos corpos femininos. Como a história é longa e o espaço do artigo curto, recomendo a leitura de Assunção e Paschoal (2022): “Orientalismo em movimento: representações da dança do ventre em pinturas e literatura de viagem (séc. XIX). Dança: história e historiografia.”, para a contextualização mais ampla e vou passar a tecer um paralelo entre a minha prática e a Gestalt-Terapia.

Estava há dois anos sem fazer aulas regulares de dança do ventre. Dois anos sem permitir meu ventre rodopiar com ondas criativas. Antes da pausa, dancei por aproximadamente, cinco anos, entrei na dança para trabalhar várias questões minhas, a começar pelo meu corpo. Descobri muito mais além do que poderia imaginar, ver as possibilidades que se desdobram pode realmente surpreender quando estamos dispostas a mergulhar na experiência. Fiz, inclusive, uma dissertação² onde pesquisei e escrevi sobre dança, mas lá, foquei na Psicologia Social, e estava mesmo sentindo necessidade e sede por desenvolver o tema dentro da Gestalt.

É justo ter esse ímpeto, pois a Gestalt é algo que me é muito caro, e nem vou adentrar naquilo se a abordagem me escolheu ou se eu a escolhi. Reza a lenda que somos escolhidos pela abordagem, e independentemente da via que me atravessou, eu fui muito bem fisgada pela rede da Gestalt, sem chance nenhuma de escapatória, enraizada até o último estágio da minha existência terrestre. É aí que você deve me dizer que não faz o menor sentido isso, já que a Gestalt é algo fluido. Então me deixa adentrar nisso: eu sinto que a Gestalt sofre uma constante atualização em mim. Cada vez que eu leio um dos meus textos grifados, dos meus livros velhos preferidos, eu enxergo o novo.

¹ *Orientalismo*- Edward Said defende que o orientalismo é a forma que o ocidente, especialmente a Europa, aborda e enxerga o Oriente. “[...] O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais. [...]” (SAID, 2007, p. 28). Uma forma de contextualização e produção construída pelo Ocidente em relação ao Oriente, que muitas vezes passa pelo campo do exótico, na construção de um imaginário para dominar, colonizar e demarcar autoridade e superioridade sobre o Oriente.

² Para maiores informações, ver a Dissertação de Mestrado intitulada como: “O corpo que dança: metamorfoses de um corpo feminino”.

A atualização da Gestalt não fica só na parte periférica, filosófica, racional ou de uma simples leitura, eu vejo a atualização e a sinto. Escrevo na busca dessa atualização com a dança, logo agora que eu voltei a dançar. Quando retornei, a turma estava ensaiando para uma apresentação em um festival, e eu já retornei com coreografia iniciada e espetáculo agendado. Existe uma cobrança estética, técnica. Não só minha, não só da sociedade, não só da minha professora, mas um pouquinho de cada uma dessas coisas. Ela está presente em várias das minhas fronteiras de contato.

2. CORPO- VEÍCULO DA EXPERIÊNCIA DANÇANTE.

Ocorre que quando estou no coletivo dançante com outras bailarinas, encontro a felicidade. É bem verdade que não sou chegada a giros, eles me nauseiam, mas é interessante como a constância através da prática corporal acomoda e normaliza o processo. Essa semelhança ao ciclo do contato, também ocorre no corpo. Como me mantive afastada da dança pelo tempo de dois anos, senti uma dificuldade horrorosa em voltar a fazer giros.

Para Alvim (2020), na Gestalt que se forma no contato, a figura faz uma conexão com o fundo e se sustenta a partir dele. O corpo se movimenta e desenvolve a sua ação motora, devido aos excitamentos. Sentir implica em ser afetado no aqui e agora e vai sendo formada uma figura. “[...] Mas é como corpo que habitamos o mundo, interagimos, vemos, sentimos, somos afetados, gesticulamos e nos movimentamos- enfim, fazemos contato”. (p. 30)

A Gestalt-Terapia fala muito sobre a fluidez para um organismo saudável. Nessa perspectiva, entende-se a importância do movimento na vida. E o corpo está diretamente envolvido em um mundo, onde interage com este e com os outros, pelo qual é afetado e afeta. O campo organismo/ ambiente vai possibilitando que uma forma singular de ser humano se apresente. Essa experiência que ocorre nas fronteiras de contato, podem estimular o processo de criar novas formas de se relacionar no mundo, isto tem grande importância na produção de sentidos, e a corporeidade funciona como ponte. (Alvim, 2020)

Segundo a autora, os seus diálogos com a arte:

[...] diálogos com a arte envolve a compreensão de que a clínica comunga do potencial da arte moderna e contemporânea: ser uma política da experiência, do corpo e da criação [...] que desnaturalize o olho, descentre a percepção e valorize a experiência da estranheza para acordar o corpo, gerando movimentos e ações criadoras. (ALVIM, 2020, p. 48)

3. FRONTEIRA DE CONTATO- A DANÇA ENTRE O BLOQUEIO E O FLUXO SAUDÁVEL

O sentir provoca excitamentos, é através deles que novas figuras são apresentadas. E implica afetar e ser afetado. O excitamento leva a formação de uma nova figura. Ele também é responsável por mobilizar o corpo, que vai gesticular, se orientar em uma ação onde busca integrar a diferença. Essa assimilação, promove uma restauração do equilíbrio do organismo. Na formação da figura, ou da Gestalt que se abre nesse processo, existe uma conexão com o fundo (que é permeado pelas experiências que já vivemos e também das nossas expectativas). (ALVIM, 2020).

Para Alvim (2020), o fluxo de awareness pode ficar impedido, e assim, comprometer a formação de novas Gestalten:

O excitamento, ligado à direção expansiva do mundo e à formação de figura no campo, está prejudicado. [...] o excitamento é impedido por fixações e tensões musculares que se tornaram inconscientes, formas fixadas que impedem seu fluxo, havendo predomínio de movimentos de contenção, com prejuízo dos gestos de expansão. (ALVIM, 2020, p. 42)

Para a formação de uma nova figura, é necessário, dentre outras coisas, que ela seja nítida, de forma a se destacar do fundo. Quando uma figura é fraca, ela não tem a força para emergir do fundo. O ciclo de contato em Gestalt, precisa de algumas etapas para ser completo. Acontece que nem sempre conseguimos fechar o ciclo nos nossos processos, chamamos isso de Gestalt aberta, que é quando algo fica inacabado e pedindo fechamento.

Através dos gestos e dos conteúdos que emergem em figura, podemos olhar e sentir como a arte afeta e toca, podendo transformar. Em um processo duplo, onde vejo e sou vista, em uma forma poética e política, através dos movimentos, gestos e ações. Em um corpo possível.

Polster (2001) informa que para mudarmos, precisamos do contato e que precisamos correr esse risco, de ser afetados pelas trocas presentes quando nos relacionamos com o outro e com o mundo. É na fronteira que selecionamos o que é nutridor e importante para o organismo, vendo aquilo que faz sentido ou que nos serve e daí, vamos assimilando, e excluindo o que não nos serve. Na dança, ousar dizer que o arriscar persiste na forma singular de expressar a minha dança. Aquilo que emerge da relação com o meu corpo, com a forma que ele pode expressar e naquilo que já aprendi e que permito deixar sair. Aqui posso falar da minha vergonha em me expor, acho esta uma boa chave para entender minha falta de espontaneidade na dança do ventre.

O contato diz sobre aquilo que é vivenciado na fronteira, ele vai além do que é meu, mas atravessa também o ambiente e tudo que está envolvido nesse processo e das relações com pessoas ou coisas. “[...] Ver ou ouvir não são uma garantia de bom contato [...]” (POLSTER, 2001, p. 114). Polster (2001) aponta para a resolução de conflito que se dá através da experiência em si, ao invés de se analisar sentimentos ou tentar interpretar.

4. PROCESSO CRIATIVO- a experiência sensível da presença.

[...] Se não sabemos se vamos receber aplausos ou vaias, nós hesitamos; então o coração começa a disparar, e toda excitação não consegue fluir para a atividade, e temos 'medo do palco'. Assim, a ansiedade é o vácuo entre o agora e o depois. Se você estiver no agora não pode estar ansioso, porque a excitação flui imediatamente em atividade espontânea. Se você estiver no agora, você será criativo, inventivo [...]. (PERLS, 1977, p. 15-16).

O processo criativo é a metodologia pela qual a experiência se desdobra na Gestalt. A criatividade na dança possível. “A intenção criativa é um anseio do corpo, um desejo de preencher o continente da vida. Esse anseio se expressa em energia, movimento, ritmo.

A atividade de criação, sua expressão, é uma amorosa afirmação de vida. [...]” (ZINKER, 2007, p. 259).

Zinker (2007), continua falando que quando a arte é experienciada como processo, ela pode contribuir para que a pessoa se veja de forma inteira e traz para a consciência. Para o autor, “[...] Toda pessoa é um artista [...]” (p. 260), tratando por artista qualquer pessoa envolvida em um processo criativo. “Toda atividade criativa começa com movimento. O corpo é propenso a atravessar o espaço, a interagir continuamente com o ambiente. É difícil fazer arte enquanto se está plantado atrás da mesa de trabalho. Preciso ficar em cima dos pés, sentir minha energia”. (P. 260)

A dança do ventre tem muitas nuances. Muitos ainda acreditam que a dança é só mexer a barriga, ou ainda que é uma dança para satisfazer o masculino. A arte muitas vezes é atribuída a algo extremamente elaborado, muitas pessoas acham que a arte não é para elas. Eu mesma já achei que a dança não era para mim. E percebi que tinha ali, diante de mim, um desafio enorme que era, principalmente, o de me superar, o de reduzir as minhas autocobranças.

Zinker (2007), fala sobre um experimento e dos convites que ele faz para iniciá-lo. Ele convida os participantes a expressarem as suas mobilidades, se concentrando na energia que surge do centro dos seus corpos e se dirigindo ao espaço. Para esse processo, ele utiliza música alta, e cada um deve se mexer da sua maneira e dentro do seu ritmo, não existe um movimento certo a se fazer. A espontaneidade que aparece é acolhida. “Arte. Fé em minha respiração e movimentos. Fé em meus braços e quadris, na energia que emerge várias vezes seguidas [...]” (p. 263)

Na dança, cada corpo se expressa do seu jeito, um mesmo movimento, como por exemplo, um redondo³, ou um oito pra frente de quadril, é semelhante, mas vai ser desenhado no ar de forma diferente por cada corpo que dançá-lo. E aí, leitor (a), se o seu sentimento agora tivesse um movimento, qual seria? Como ele poderia ser executado? Seria uma forma mais arredondada, um movimento mais enérgico como um shimmie, seria um gracejo de mãos, um movimento com deslocamento pelo meio da sala, ou um mais contido, escondido? Se você pu-

desse agora assumir o que sente, onde sentiria no seu corpo? O que ele deseja fazer? Qual movimento contempla esse desejo? É lento ou rápido? E se você expressa para você seria diferente se você fosse apresentá-lo para alguém? Seria espontâneo? O processo criativo flui se você precisa expressá-lo a um público? E se a música mudar, a sua dança também muda? É importante coreografar dentro de uma estética, ou importa mesmo é dançar?

Silva (2017), traz como obra de arte:

Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. (SILVA, p. 210)

O processo da dança, concebe uma sintonia entre a bailarina e a dança, através de uma linguagem e de uma consciência corporal traduzida pelos movimentos, sensações, emoções, gestos, colocados nos passos da dança e através dela, essas emoções encontram expressão na interação com a música e o corpo da bailarina, constituindo um corpo diferente. Assim, o sujeito que dança se transforma a partir dos afetos manifestados na dança.

Scott (1995), afirma que a palavra gênero, começou a ser usada pelas feministas, como um modo de referenciar uma relação entre os sexos, dentro de uma organização social. O interesse nas categorias de classe, gênero e raça, resgata na história, as narrativas das pessoas oprimidas e aponta para a compreensão das desigualdades, das relações de poder.

A objetificação sexual, com que muitas bailarinas de dança do ventre, são vistas ainda hoje, nos leva a refletir como a história da dança do ventre nos foi apresentada. A necessidade da junção com o pensamento feminista, quebra estruturas patriarcais de

poder sobre os corpos e conta o percurso construído hierarquicamente com práticas de gênero em categorias desiguais em relações de poder, de Estado e de política. Como questiona Scott: “[...] Qual é a relação entre as leis sobre as mulheres e o poder do Estado? Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, quando sabemos que elas participaram dos grandes e pequenos eventos da história humana?” (SCOTT, 1995, p. 93).

Muito da história humana, foi contada por homens. Quanto tempo demorou para que as mulheres contassem as suas próprias versões dentro da história humana? Temos muitas perguntas, poucas respostas. Cada corpo carrega em si as possibilidades próprias de interpretação e significados. Na Gestalt, não usamos a via de mão única na direção terapeuta-cliente e muito menos se contextualiza de uma forma desigual e enviesada separando o sujeito do seu contexto social, político, ambiental. Uma Gestalt ética e política, traz de uma forma subversiva, remexidas nas entranhas postas, prontas e colonizadas. Quebrando paradigmas enrijecidos de se observar e sentir os fenômenos sociais. Para Zinker (2007):

A criação é um processo, não um ato ou experiência única. O processo parece ter algumas características ordenadoras que tanto se aplicam aos sentimentos particulares do artista como à natureza intrínseca do trabalho que realiza. A ‘beleza’ estética de um desenho ou escultura é facilitada pelo processo total em vez de promovida pelo esforço de se alcançar um resultado específico. A resistência inicial de um artista ao trabalho, assim como sua insistência em tornar boas já as primeiras tentativas, desempenha papel significativo nesse processo, atrapalhando-o seriamente. No processo de desenhar, a pessoa se permite exprimir totalmente sua excitação, até se sentir internamente satisfeita e completa. Seus desenhos mostram as mesmas características de seus sentimentos variáveis: da fragmentação à fluidez, da fluidez à totalidade. Com isso, a formação figura-fundo da awareness na pessoa é congruente com a formação figura-fundo visual de

³ Cada movimento na dança do ventre tem um nome. Os mais conhecidos são: os movimentos de redondo, que podem ser de quadril ou de peito. Os de quadril podem ser pequenos, médios e grandes. Basicamente consistem em fazer círculos com o quadril ou com o peito; camelos, que podem ser normais ou invertidos, completos ou não e que consistem em ‘fazer uma onda’ que pode começar no peito e reverberar até o quadril, ou começar no quadril e terminar no peito; shimmies, são os famosos tremidos, eles podem ser de quadril, de peito, de ombro, podem ser soltinhos ou contidos, são movimentos bem característicos da dança do ventre. Temos outros movimentos, mas vou deixar esses por enquanto. Para maiores detalhes ver: XAVIER, Cinthia Nepomuceno. ...5, 6, 7, ∞... Do Oito ao Infinito: por uma dança sem ventre, performática, híbrida, pertinente. Dissertação de Mestrado, 2006.

seus desenhos. Os desenhos acabados, com exceção de seu valor estético, tornam-se uma confirmação concreta de sua capacidade de se tornar um ser humano integrado. (p. 280-281)

Neste capítulo, em que Zinker faz a descrição do desenho, podemos saber mais sobre a relação entre o processo criativo e a arte. Lá, descreve ele, que a cliente diz não saber desenhar, mas vai sendo gerada uma harmonia entre ela e o papel, e ela vai criando... Da mesma forma, podemos incluir outras formas de arte, como a dança. Começando por ouvir a música primeiro, sentir o que vai chegando, até a pessoa entrar em contato saudável.

5. A NÃO INTERPRETAÇÃO: do movimento possível ao significado individual.

A dança requer paciência com o movimento possível por cada corpo, esse movimento de aceitação, dentro das possibilidades, é muito gestáltico. Aceitar a diferença de outros corpos. Aceitar que alguns irão executar majestosamente o movimento, e que outros ali mais contidos, mais atropelados, mais envergonhados, serão corpos mais endurecidos pela rigidez de existir, e ainda assim não tem uma forma de certo ou errado, mas sim, do que é possível, naquelas circunstâncias e momento para cada corpo.

É dentro da experiência que visito as fronteiras de contato, que transito por passos dançantes no fluxo com o mundo. A Gestalt não é uma abordagem interpretativa, assim como a dança vai significar diferente para cada pessoa. A minha experiência não está disponível para uma simples interpretação de alguém. Aquilo que é significativo para mim será nomeado a partir da minha vivência, da minha singularidade e das trocas que eu fizer com o mundo, permitindo que eu me olhe e porque não dizer, me surpreenda comigo mesma. Sentir de que forma o meu movimento me ajuda a me mexer na vida, a me transformar, olhando para o que acontece comigo, com o meu corpo nessa relação com a dança. Observando os efeitos que o praticar dessa dança podem reverberar e provocar em mim.

[...] Na gestalt-terapia, estamos no mesmo barco, incomodados por buscas de

significados que caracteristicamente apagam nossas experiências reais. [...] Queremos primeiro ouvir a história e deixar que o significado se manifeste, em vez de estarmos presentes com expectativas de determinado significado no qual todos os comportamentos devem então se encaixar. Embora a busca de significado seja um reflexo humano, a compulsão para o significado muitas vezes afoga a própria experiência. (POLSTER, 2001, p. 34)

A livre expressão de corpos não combina com a compulsão por significados, como afirma Polster (2001), ela deve estar arraigada e permeada por aquilo que é possível ao corpo que dança. Novos passos, novos movimentos, novas junções... shimmie tremido, shimmie com redondo, emendando um movimento em outro que jamais imaginei, isso me faz sentir de forma surpreendente. Um giro com véu, com taças, com candelabro, um giro que marca cabeça. Algo que atenua a minha angústia de existir, quando danço esqueço, presentifico apenas o meu instante com o agora dançante. Se fujo do aqui agora, perco o ritmo da batida e coreografo fora da cena da música. Se essa poesia da relação com a dança, com a música e com a fluidez, não for uma poesia gestáltica, não sei mais o que pode ser...

Para Brikman (2014):

A prática educativa pelo movimento favorece a inclusão, ajuda diferentes aprendizagens. Nessa perspectiva, o processo expressivo outorga à 'criatividade' um lugar preponderante, facilitador de aprendizagens para a aquisição de habilidades; em síntese, ajuda 'para a vida'. A criatividade no movimento é possível a todos. Constitui-se tanto individualmente como em grupo, permitindo a comunicação. Ao mesmo tempo, contribui para elevar a autoestima e tende a favorecer comportamentos autônomos, responsáveis e solidários [...] Tem relação com uma pedagogia aberta, com um espaço de livre criação, com objetivos, metodologia, e técnicas orientadas a valorizar a pessoa. O sujeito se nutre na realidade, a transforma e faz sínteses no mesmo processo. Todo fato criativo não necessariamente é arte, mas a arte é criativa e ajuda a melhorar a qualidade de vida. (p. 16-17)

O propósito final, o desejável dentro da Gestalt-terapia, mas que nem sempre acontece, é que após o surgimento da necessidade, o processo de contato siga até que exista uma satisfação, com a conclusão da-

quela figura que emergiu. É a hora da retirada, onde ela deve voltar para o fundo, o fim do ciclo, chamado de pós-contato. “[...] Mediante contato, cada pessoa tem a chance de encontrar o mundo externo de um modo nutridor [...]” (POLSTER, 2001, p. 111) A Gestalt valoriza a mudança, juntamente com a novidade como forma de crescimento e essa só chega com uma certa abertura para o novo, para um sentir. A mudança como algo inevitável que se origina do contato.

6. CONCLUSÃO

Que a experiência é importante para a Gestalt, nós já sabemos. Mas quais experiências e para quais lugares a dança do ventre me leva, não sei informar. O quanto de fluidez e processo criativo acesso, também não. A Gestalt tem como característica o foco na experiência. A experiência única e singular de cada pessoa, não cabe processo de interpretação generalizada, dessa forma, a bailarina que dança entende a experiência do seu jeito, e cada pessoa que assiste a sua apresentação, entende da sua forma aquilo que viu, ouviu e sentiu a partir da dança, o que for significativo para cada pessoa, o que surge a partir do seu fundo de vividos.

Na dança não temos como escapar da presença, do aqui e agora. Presentificar através de um corpo que dança e se permite sentir, experienciar, experimentar. Descubro através dos toques, rodopios, texturas que me constituem e que só se apresentam através da dança. Constituo a mim e a todas as possibilidades de movimento que desconhecia e que vão se solidificando à medida que permito que elas apareçam.

O trabalho que aqui se encerra, permanece em aberto no sentido de que outras possibilidades de se experienciar a dança e a Gestalt, poderão surgir. Pois pesquisar sobre algo, é nunca fechar totalmente uma Gestalt, à vista de conclusão, pois sempre se há uma necessidade escondida em alguma brecha da escrita, da pesquisa, de forma tal que outras pessoas, que leem a obra, ou a própria pesquisadora, estejam dispostas a trazer acréscimos, baseados em dúvidas que impulsionam a outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Mônica Botelho. **O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia**. In.: Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia/ organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. São Paulo: Summus, 2016. Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; 4.
- ASSUNÇÃO, Naiara M. R. G. de A.; PASCHOAL, Nina I. C. **Orientalismo em movimento: representações da dança do ventre em pinturas e literatura de viagem** (séc. XIX). Dança: história e historiografia. Ver. Bras. Estud. Presença 12 (1). 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-2660113430>> acesso em: 24 out. 2024.
- BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. [tradução Lizandra Magon de Almeida]. – [3 ed revista.] – São Paulo: Summus, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- PERLS, Frederick. **Gestalt-terapia explicada**; [compilação e edição da obra original de John O. Stevens; tradução de George Schlesinger]. -São Paulo: Summus, 1977. (Novas buscas em psicoterapia, v. 2).
- POLSTER, Erving. **Gestalt-terapia integrada**. SAID, Edward. W. Orientalismo: o Oriente como a invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. -1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v.15, n .2, jul./dez.1990, traduzido da versão em francês. 1995. Disponível em:< <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ>> Acesso em: 12 de nov de 2024.
- SILVA, Luis Galeão. **Psicologia social crítica na periferia do capitalismo: a elaboração do sofrimento social e a luta por reconhecimento recíproco nas periferias**. In: JÚNIOR, Nelson da Silva; ZANGARI, Wellington. (orgs.) *A_ psicologia _social e a questão do hífen*. – São Paulo: Blucher, 2017. p. 91-100.
- XAVIER, Cíntia Nepomuceno. ...5, 6, 7, ∞... **Do Oito ao Infinito: por uma dança sem ventre, performática, híbrida, pertinente**. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. [tradução de Maria Silvia Mourão Netto]. 2.ed. – São Paulo: Summus, 2007. Título original: Creative process in Gestalt therapy.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



O TRABALHO COM A CRIANÇA INTERIOR FERIDA EM GESTALT-TERAPIA.

Gustavo Alves Pereira de Assis¹

RESUMO:

Este artigo teórico, sob a perspectiva de vinheta clínica, visa a discutir, à luz da Gestalt-terapia, o trabalho com a criança interior ferida no adulto. Para isso, parte de uma ilustração clínica para o entrelace com os fundamentos teóricos da Abordagem Gestáltica que fomentam o saber-fazer clínico de Gestalt-terapeutas com pacientes em sofrimento existencial decorrente de Gestalten fixas da infância. Nessa direção, entende-se que o trabalho de criança interior em suas feridas emocionais perpassa por uma clínica do luto em que a psicoterapia torna-se um espaço de experienciar o luto da ilusão infantil. Através da relação dialógica, amparado nos instrumentais clínicos da Gestalt-terapia, o trabalho com a criança interior ferida permite, por meio do suporte para a agressividade em um ambiente seguro, a emergência de desconstruções das Gestalten fixas. Com isso, a cura existencial das feridas infantis apresenta-se na medida em que Gestalten são fechadas e o self integrado gradativamente, possibilitando um viver adulto mais fluído e autêntico. Para isso, faz-se necessário o estabelecimento de uma relação genuína, em que o paciente experimente o olhar confirmador e a presença amorosa, tão faltantes em sua infância. Nessa direção, a psicoterapia da criança interior ferida no adulto enquanto uma clínica do luto é também uma clínica do amor terapêutico, com vistas na relação Eu-Tu.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Gestáltica; Criança Interna; Enlutamento; Psicoterapia; Sofrimento Existencial.

É a falta que se faz busca, é a escassez que nos faz criativos, é a sede que nos lança em direção a fonte (CARDELLA, 2023, p. 36).

¹Psicólogo pela Universidade de Rio Verde (UniRV), CRP-09/013837, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Gestalt de Curitiba (IGC), com residência em Infectologia pela Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (SES-GO). Possui título de especialista em Psicologia da Saúde pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico visa a compreender o processo da criança ferida internalizada no adulto em psicoterapia sob a luz da Gestalt-terapia. Para isso, parte de uma vinheta clínica¹ para explicitar a fundamentação teórica-metodológica da Abordagem Gestáltica na compreensão desse fenômeno em pacientes que se encontram experienciando o sofrimento existencial decorrente de Gestalten fixas advindas das experiências infantis dolorosas.

A vinheta clínica se desdobra sobre a vivência de uma filha que cuidou de seu pai em seus últimos dias de vida, ou seja, em seu processo de morrer. A linguagem escrita flui no entrelaçar da técnica e da poética, pois acredito ser a mais apropriada para falar do que é sentido e vivido na relação psicoterapêutica. Renuncio o linguajar meramente técnico e científico, não por inabilidade de escrita, mas por considerá-la pobre diante do drama que é a existência humana de pacientes gravemente feridos emocionalmente. Nesse sentido, trata-se de um ensaio teórico com escrita gestáltica.

Isso se deve por este ensaio teórico respaldar-se em uma concepção de ciência pós-moderna, que rompe com os ditames positivistas (SANTOS, 1995). No caso da Psicologia, rompe-se com o paradigma biomédico, que pressupõe uma suposta neutralidade, inclusive na escrita científica. Nessa direção, conforme Ribeiro (2022), a Gestalt-terapia nasce na pós-modernidade, por isso este texto situa-se nesse paradigma, em um movimento de integração do pensamento técnico associado à sensibilidade poética para a qual a clínica nos convoca.

Nessa direção, o foco deste ensaio é a ferida da criança no adulto e o processo de psicoterapia como caminho de cura existencial. Miller (1997) afirma que todos nós fomos e somos crianças feridas, visto que passamos por situações de silenciamento do nosso verdadeiro ser. A criança é sensível, por isso a autora a chama de bem dotada, no sentido de haver uma extrema sensibilidade e uma captação do que acontece à sua volta. Em Gestalt-terapia, compreende-

mos que isso se dá pela indissociabilidade organismo-ambiente, presente desde a publicação do Gestalt-terapia, por Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), obra fundadora de nossa abordagem. Trata-se de uma antropologia ecológica que entende o ser humano no mundo com os outros, inscrevendo-nos como seres fronteiros (DELA-CROIX, 2022). Com isso, através das fronteiras de contato, a criança faz o diálogo com o mundo, captando nuances do campo em que vive.

Nesse sentido, podemos pensar que as fronteiras de contato da criança saudável estão mais abertas e sintonizadas com o campo, com maior fluidez para a novidade do contato. Sendo assim, não há tantos processos de neurotização e de enrijecimento dessas fronteiras, o que permite visualizar o óbvio com mais clareza, sem tantas distorções de contato. Esse processo, no adulto, torna-se mais difícil pelo fundo de experiências, afinal a neurose é a dificuldade de ver o óbvio, como nos diz Perls (1973/2020).

A partir disso, podemos entender a noção de criança bem dotada do qual nos fala Miller (1997) em seu clássico livro O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos, que inspira a comunidade gestáltica nacional e internacional, apesar da concepção de psicanálise existencial presente no texto.

Miller (1997) afirma que, por medo de perder o amor de nossos pais ou cuidadores principais, construímos um falso self e carregamos essa criança ferida dentro de nós durante toda a adultez. Sobre isso, Cukier (2017) ressalta que se trata de uma tentativa desesperada que a criança encontra para esconder de si a realidade do abandono e de outras experiências dolorosas, em que há uma negação ou substituição de emoções autênticas por um modo de ser baseado no que é esperado pelo entorno. Assim, em Gestalt-terapia, compreendemos que a criança retroflete o que é para se tornar o que os outros esperam, perdendo sua espontaneidade e autenticidade no mundo e, com isso, essa internalização pode permanecer no existir adulto.

¹ Esta vinheta clínica segue princípios éticos como a confidencialidade e a proteção da imagem da paciente, não se tratando de um estudo de caso, mas de uma ilustração clínica para fins de exposição teórica.

Esse processo de construção de um self desintegrado acontece, em um primeiro momento, pelo mecanismo de introjeção que, em Gestalt-terapia, é compreendido como uma disfunção no ciclo de contato, na função ego do self, do sistema motor, no qual há um movimento de engolir crenças, valores, experiências e demais conteúdos do ambiente, sem a discriminação e a escolha genuína, em um processo de submissão e de fronteira de contato afrouxada. Assim, a digestão psicológica não foi efetuada satisfatoriamente, havendo uma inabilidade na agressividade dentária.

Esse movimento permite que introjetos do ambiente sejam internalizados no organismo (Lobb, 2023; Perls, 1942/2002; Ribeiro, 2021), como as experiências infantis de cunho doloroso. Sobre isso, Zanella (2023) nos diz que a relação de confiança da criança com os cuidadores pode ser quebrada por introjetos e por toxicidades no campo relacional, havendo uma quebra de suporte, o que gera feridas emocionais.

Com isso, percebemos que há um distúrbio na relação entre o organismo e o ambiente, um distúrbio das fronteiras no contato pessoa-mundo. Nessa direção, o trabalho clínico com essas pessoas recairia sobre o suporte para que a agressividade saudável seja retomada a ponto de desconstruir introjetos disfuncionais e, assim, haver um retorno a um contato mais saudável do organismo com o meio. Desse modo, conforme as pistas teóricas de Delacroix (2022), instaura-se um processo de desajustamento criativo, que irá desestruturar formas neuróticas fixas, em direção ao existir criativo. Para esse Gestalt-terapeuta francês, o ajustamento criador é uma libertação, uma superação.

A psicoterapia, na perspectiva do trabalho com a criança interior, constituir-se-ia como um processo de luto da criança que fomos, ressignificando as carências e as faltas primárias (MILLER, 1997). Na concepção gestáltica, entendemos que a psicoterapia seria o espaço de desconstrução de figuras fixas, o que demanda certo nível de agressividade, permitindo um fluir na dinâmica figura-fundo e fechando Gestalten em aberto. A partir do trabalho psicoterapêutico, buscamos que o self, enquanto processo holístico e relacional, contate o mundo com mais espontaneidade e autenticidade. Assim, a psicoterapia gestáltica em algum momento

será a psicoterapia da criança ferida, sendo que a cura existencial perpassaria pelo luto das experiências infantis abertas em nosso fundo de vividos. Cura, para Cardella (2023), enquanto uma restauração da inteireza do humano. Nessa perspectiva,

o objetivo do trabalho com a criança interna dos adultos é fazer com que eles tomem responsabilidade por seu comportamento atual, compreendendo as distorções e o forte impacto das experiências precoces da infância em suas vidas. O foco principal do trabalho não é rememorar ou culpar/perdoar os adultos que cuidaram do paciente quando criança, mas, sobretudo, compreender o que esses pacientes fizeram consigo mesmos, como resultado de como viveram as relações de dependência infantil (CUKIER, 2017, p. 18).

Destarte, Cukier (2017) nos aponta que a psicoterapia da criança ferida no adulto busca efetuar, por meio do contato com as dores infantis, uma negociação e uma redecisão para que seja possível uma vida mais plena. Com isso, a autora sinaliza a necessidade de um diálogo entre a criança interior e o adulto. Em Gestalt-terapia, buscamos esse diálogo por meio da relação dialógica e do contato, que favorece uma compreensão e uma consciência ampliada acerca das necessidades não satisfeitas do lá-e-então da infância e as possibilidades no aqui-agora do paciente adulto.

A partir disso, podemos pensar que a Gestalt-terapia, enquanto uma abordagem clínica em Psicologia, possui um arcabouço teórico-metodológico capaz de sustentar um fazer ético e técnico com adultos que apresentam feridas emocionais de experiências infantis internalizadas. Portanto, partimos de uma vinheta clínica, para fins de ilustração e para pensarmos em elementos teóricos acerca dessa temática.

2. A CRIANÇA INTERIOR DE AÇUCENA: DO DESCUIDO AO CUIDADO

É sobre as feridas infantis no adulto que essa vinheta clínica se desenrolará, a partir da história de Açucena, nome de uma flor que simboliza cura e regeneração, logo se trata de um nome fictício e metafórico. Açucena

cena era uma paciente que cuidava de seu pai na fase final de vida, com zelo, atenção e amor. Cansaço, dor e tristeza também estavam presentes no seu modo de cuidar. Revelou-me a percepção de que o genitor foi ausente em seu papel de pai, o que indica uma falta, um buraco existencial na vida da criança que Açucena foi e que carrega em si. Com ajuda do processo psicoterapêutico em Gestalt-terapia, Açucena conseguiu dar-se conta de percepções antes não contactadas e expressadas, ampliando sua awareness, que é o objetivo primário da psicoterapia gestáltica, conforme aponta Yontef (1998). Todavia, um longo percurso foi realizado para que isso fosse possível em seu existir.

Açucena trazia memórias infantis de um pai agressivo, ausente, “mau” e “mulherengo”, conforme suas palavras. As percepções eram de teor majoritariamente negativo. Relatou-me, também, que o pai a expulsou de casa com quinze anos e que ela teve que buscar apoio em outras pessoas. Havia assim o delineamento de um campo desconformador e com componentes aflitivos (GIMBO, 2023). Anos se passaram sem nenhum contato físico ou virtual. Anos sem uma relação pai-filha de modo minimamente satisfatório. Com o advento do adoecimento físico do genitor, Açucena aproximou-se do pai para cuidar. Nas sessões iniciais de psicoterapia, eram frequentes a percepção e a indignação de que ela estava dando o que não recebeu. Ela doava cuidado sem ter recebido na infância. Laura Perls (1991/1994), em seu clássico livro *Vivendo en los límites*, diz-nos que é necessário um equilíbrio entre o dar e o receber, é necessário uma troca no campo social. Esse equilíbrio não foi experienciado na história de Açucena, o que engendra Gestalten em aberto na busca da homeostase.

Açucena, ao cuidar do seu pai, atualizava uma ferida antiga, a da falta de amor e de cuidado do genitor, que foi defletida enquanto ajustamento criativo para evitação de um contato doloroso. Delacroix (2022) reitera que o ajustamento criativo é construído a dois ou com muitos, é uma questão coletiva e social. Com isso, em Gestalt-terapia, há um rompimento com noções intrapsíquicas, enfatizando em nossa epistemologia uma concepção de campo. Nesse sentido, o ajustamento criativo de deflexão de Açucena era cocriado na relação com um

pai ausente. Mesmo na ausência, há relação, afinal tudo é relação!

Como se trata de uma necessidade não satisfeita, de uma Gestalt em aberto, o organismo de Açucena, em sua sabedoria organísmica, buscava uma possível resolução para essa relação. Uma parte de seu fundo vivencial tornava-se figura em seu existir atual, apontando a necessidade de fechamento. Ao cuidar do pai em processo de morte, sentia-se cuidada em um nível não-consciente. A satisfação da necessidade de amor era experimentada em alguma dimensão de sua totalidade. De alguma forma, sua Gestalt aberta estava buscando o fechamento em sua melhor forma possível. Talvez por isso, mesmo com extremo cansaço e com sentimentos negativos associados, ela continuava ao lado do pai no leito hospitalar. Havia uma intencionalidade de contato em curso.

“Pra que você cuida dele?” Essa foi uma intervenção psicoterápica que realizei em uma das sessões na busca da intencionalidade de contato, que é uma forma de investigação fenomenológica na atuação do Gestalt-terapeuta, conforme aponta Lobb (2023). O convite era que a paciente se tornasse aware dos sentidos de sua experiência de cuidado com o pai. Como Gestalt-terapeutas, buscamos ampliar a consciência de nossos pacientes acerca de sua existência total para que escolhas mais genuínas sejam realizadas pela função ego do self. E isso é liberdade situada, mundana. Durante o processo psicoterapêutico de Açucena, um sentido emergiu, uma intencionalidade de contato se fez presente no campo cocriado. Açucena, carregando sua criança interior ferida, cuidava do pai na busca de sua presença, tão ausente em sua infância e em outras fases de sua vida. Através do diagnóstico estético, realizei uma descrição fenomenológica dessa intencionalidade, a partir de elementos trazidos pela paciente: “Fico pensando que aquela menininha que não foi cuidada, que foi abandonada, está tendo a oportunidade de ter um pai agora”. Esse era o sentido emergido no campo.

Agora a menininha não cuidada tem um pai em sua adultez. Um pai que está morrendo, mas que é uma presença nesses últimos momentos juntos. E Açucena honrava, mesmo com sua criança interior ferida, a presença de seu pai em seus últimos dias.

Nossas sessões eram permeadas por muito sofrimento, por muitos silêncios, pois havia muita dor no campo. Ela me dizia que era difícil ter um pai por tão pouco tempo. Açucena estava perdendo a presença recente de seu pai, contato que não teve na infância, na adolescência e em boa parte de sua adultez.

No campo psicoterápico, instalava-se uma clínica do luto, do enlutamento da criança não cuidada e da possibilidade de perda da presença recente do pai. A partir de uma concepção fenomenológica-existencial, Assis, Motta e Soares (2019) afirmam que o luto é um condição essencialmente humana e "(...) se apresenta como fenômeno relacional, em que há a morte de um mundo, de uma história, de uma relação" (p. 41). Para esses autores, uma clínica fenomenológica do luto, como se inscreve também a Gestalt-terapia, deve enfatizar a escuta da dor e o acolhimento com vistas para o processo de resignificação existencial. Era esse o caminho que eu percorria com Açucena.

Nesse processo psicoterapêutico, Açucena contactava muitas mortes em sua infância: a morte do cuidado parental, do amor do pai e de sua presença. Com isso, delineava-se uma terapia do contato, como postulam Ginger e Ginger (1995). É através do contato que a ausência do pai na infância se fazia presença na criança-adulto de Açucena. É a presença-ausente tomando forma (ASSIS, MOTTA & SOARES, 2019), afinal, para Merleau-Ponty (1945/2018, p. 488), "(...) toda ausência é apenas o avesso de uma presença (...)". Assim, um trabalho gestáltico com a criança interior no adulto vai em direção à experimentação do contato com as feridas emocionais, em um ambiente seguro e confirmador, possibilitando e ampliando a awareness. É o contato que cura, um contato aware.

Sobre isso, Cukier (2017) afirma que a lembrança não deve ser apenas a nível cognitivo e verbal e sim uma vivência da emoção dessas experiências no presente. A clínica gestáltica possui múltiplos dispositivos clínicos para o manejo desses pacientes, sendo a relação psicoterapêutica que, em Gestalt-terapia, é dialógica, a base de toda intervenção que visa a essa experiência no aqui-agora. Assim,

(...) o percurso clínico se instaura no

campo da intersubjetividade, dimensão em que se emergem as centelhas do sagrado, que é o encontro humano. Essa abordagem que privilegia o contato genuíno revela-se como possibilidade de restauração para uma sociedade em que há falência do verdadeiro viver, que para Buber é encontro (MOTTA, ASSIS & SATELIS, 2020, p. 389).

Desse modo, os últimos dias do pai de Açucena eram não só um convite da vida para fazer contato com sua falta parental antes defletida, mas também uma oportunidade de experimentar ser a menininha que tem um papai. Era um momento de ter presença, de ficar perto do pai, de amar um pai, de vivenciar ser filha. Em suma, de fazer contato com as feridas emocionais da infância para um aqui-agora mais pleno com o pai, o pai possível, aquele que se fez presença apenas em seus últimos dias de vida. Por isso, em Gestalt-terapia, defendo que o trabalho com as feridas da criança interior no adulto revela-se como um trabalho de luto. E, para isso, faz-se necessário o suporte para a agressividade que irá fomentar a desconstrução das Gestalten fixas da infância. No caso de Açucena, havia um duplo trabalho de luto: o luto infantil da sua criança interior e o luto antecipatório do adulto pela fase final de vida do pai.

Na direção de uma clínica do luto, realizei, em uma das sessões, uma intervenção para resgatar esse contato e essa experimentação com a criança interior: "quero que você vá sentindo sua menininha dentro de você". Esse foi um dos convites em um final da sessão, após um intenso trabalho emocional, emergido no campo cocriado. Esse convite, na concepção de Miller (1997), explicita o processo psicoterapêutico como um espaço de viver a dor da criança. É um momento de reviver as feridas, de elaborar o luto infantil de não ter pais amorosos, sempre disponíveis e abertos, de ter pais que aceitavam apenas o nosso lado bom. A autora afirma que esta é a ilusão infantil, acreditar ser amada, mas, no fundo, é um "amor" pelo falso self, pela criança comportada e não pela totalidade do ser.

No caso de Açucena, sua dor advinha também da falta da presença do pai em sua infância e em outras fases de sua vida, um tipo de abandono. Assim, convidei a Açucena-adulta para dialogar com a Açucena-criança, propondo um trabalho de luto da

ilusão infantil, da ilusão e da necessidade da presença amorosa do pai. Afinal, a cura existencial em Gestalt-terapia perpassa pelo diálogo, pelo contato (GINGER & GINGER, 1995; HYCNER, 1995; HYCNER & JACOBS, 1997). Esse trabalho com a criança interior possibilita a cura existencial das feridas infantis no viver adulto, afinal “a Infância reimaginada nos revela, ontologicamente, poetas. É uma criação”, nos afirma Cardella (2023, p. 150). Assim, essa experimentação relacional na clínica gestáltica é ato criativo que move o paciente na direção da novidade do contato e de sua intencionalidade, sendo que

trata-se de um trabalho artístico que exige do artista-terapeuta pinceladas misteriosas. Essas pinceladas requerem da pessoa do terapeuta uma atitude cuidadosa e atenta para as infinitas possibilidades que podem emergir no contexto psicoterapêutico. O cliente constitui-se também como artista, autor das suas histórias e expositor de suas fragilidades e de sua humanidade. Portanto, é no encontro entre o artista-terapeuta e o artista-cliente que se dão os mistérios da relação dialógica (MOTTA, ASSIS & SATELIS, 2020, p. 390).

Essa história clínica fala da falta de amor parental, que, para uma criança, é como o ar para respirar. É o que Schillings (2022) nomeia de orfandade, em que há a experiência de solidão na relação com os pais, uma espécie de vácuo parental. Para essa autora, essa vivência caracterizada como uma opressão no campo familiar engendra em sofrimento à medida que avilta a singularidade da criança, impregnando-se no sujeito por longo tempo. É a criança ferida internalizada no adulto.

Somos seres de campo, somos seres de contato, por isso temos a necessidade de um outro significativo, de um rosto humano que confirme nossa existência. Esse é o nosso ar existencial. Afinal, como é possível sobreviver sem esse amor parental? Essa pergunta talvez não tenha uma resposta única, mas múltipla, plural. Quem nos possibilita essas respostas são os sobreviventes que chegam em nossos consultórios na busca de cuidado e de um ar existencial. São para eles que a clínica gestáltica deve oferecer possibilidades de dignidade, de pertencimento e de presença. Deve possibilitar abrigo, colo, lar.

Assim sendo, a Gestalt-terapia é uma clínica do entre, da relação e do encontro,

como nos afirmam Motta, Assis e Satelis (2020) e é isso que a faz ser ética e política (Assis, 2022). Ética, pois é cuidado amoroso com o outro e política, pois é cuidado que propicia lar em tempos de desabrigo existencial, possibilita uma pólis existencial. E é essa relação psicoterapeuta-paciente no fazer gestáltico que inicia uma terceira história, fazendo do encontro dessa dupla uma dimensão estética (DELACROIX, 2022).

Sobre essa relação com pacientes emocionalmente feridos, Zanella (2023, p. 81) afirma que, “quando o vínculo terapêutico estabelece, um laço de confiança permite que as feridas se transformem em pérolas. É um caminho longo, por vezes doloroso, mas transformador”. Ela ressalta ainda que “nossas feridas da alma são cicatrizadas com acolhimento e amor” (p. 81). Por isso, defendendo a Abordagem Gestáltica como uma clínica do encontro.

Sobre isso, lembro-me de Adélia Prado, uma poetisa brasileira que toca meu corpo, coração e alma. Em seu poema intitulado Ensinamento, essa autora elucida a história de Açucena e de tantas Açucenas que chegam em nossas clínicas. Ela, delicadamente, escreve:

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo: “Coitado, até essa hora no serviço pesado”. Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou em amor. Essa palavra de luxo (PRADO, 2017, p. 83).

O poema nos fala do amor enquanto luxo em tempos de escassez afetiva. Com isso, no campo da Gestalt-terapia, inaugura-se o amor terapêutico como possibilidade de cura existencial, visto que “cada um de nós, secreta e desesperadamente, anseia ser ‘encontrado’ - ser reconhecido em nossa singularidade e, em nossa plenitude e vulnerabilidade” (HYCNER & JACOBS, 1997, p. 15). Esse reconhecimento, muitas vezes, não foi vivenciado pela criança, o que culmina em feridas emocionais. Nesse sentido, uma clínica do encontro, que preza pelo entre criado, perpassa pelo amor terapêutico como caminho de suporte e de acolhimento para o sofrimento existencial de adultos

com feridas internalizadas da infância. Trata-se da viabilidade de equilibrar o campo social, conforme pistas teóricas de Laura Perls (1991/1994), incluindo na relação psicólogo-paciente o amor terapêutico. Nessa relação, possibilita-se que o paciente experimente aquilo que faltou em sua infância e que carrega em si: a falta do amor de um outro significativo. Na falta, o Gestalt-terapeuta se faz presença amorosa.

Cardella (1994) afirma que a psicoterapia é uma prática de amor, e que a atitude amorosa do Gestalt-terapeuta favorece o processo de cura e de recuperação da saúde, à medida que facilita o processo de integração da pessoa total. Para essa autora, o amor terapêutico é um estado de ser do psicoterapeuta que cria a possibilidade de que o paciente ame a si, afinal envolve uma atitude de confirmação, de aceitação e de confiança. Ela continua alegando que o amor terapêutico, na visão gestáltica, está relacionado com a relação dialógica, sendo que a relação psicoterapêutica é um experimento do amor, afinal, “sem amor, não existe diálogo e não é possível estar para o outro (CARDELLA, 1994, p. 75)”. Finaliza afirmando que “o amor faz do nosso trabalho não só Ciência, mas Arte!” (CARDELLA, 1994, p. 75). Nessa direção, o trabalho gestáltico com a criança ferida no adulto deve ser um experimento de amor, em um ambiente seguro em que o paciente possa experienciar o olhar e a presença amorosa não recebida em sua infância. A clínica da criança interior ferida no adulto, em Gestalt-terapia, é dialógica e assenta-se na ética e na estética do amor.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico, na perspectiva de vinheta clínica, buscou delinear alguns aspectos do trabalho com a criança interior na psicoterapia de adultos em Gestalt-terapia. Para isso, partimos de uma visão pós-moderna, integrando aspectos técnicos da abordagem aliados à sensibilidade necessária no fazer clínico e no modo de escrita gestáltico. A partir da história de Açucena, foi possível a reflexão acerca de como as experiências dolorosas na infância são registradas no corpo emocional e são levadas no viver adulto, culminando em distorções de contato que impossibilitam um existir pleno.

A história de Açucena é a de muitas pessoas que chegam em nossos consultórios, com versões diferentes, mas com um mesmo núcleo: a falta de amor dos cuidadores principais. Isso gera agudo sofrimento existencial na vida adulta, fazendo com que o self funcione de modo desintegrado. Açucena é uma mulher que vivenciou em sua infância a falta da presença amorosa do pai, que a expulsou de casa aos quinze anos. Anos sem contato físico ou virtual entre os dois foram interrompidos com o adoecimento grave do genitor, período em que Açucena mobilizou-se para a tarefa de cuidado. Esse momento com o genitor foi um reencontro com sua criança interior ferida, que estava embotada e defletida, e veio à tona como figura em seu campo atual.

Ao tornar-se figura, a criança interior de Açucena encontrava-se em sofrimento existencial, demonstrando suas dores e suas feridas, que necessitavam de cuidado. Foi na psicoterapia gestáltica que Açucena encontrou cuidado para suas feridas, compreendendo e acalentando sua criança interior. Foram momentos de revisitar a falta de reconhecimento do genitor, a desconfirmação de seu self total e as atitudes que invisibilizaram a existência da Açucena-criança. Com isso, um trabalho de luto foi iniciado: o luto pela falta de amor do pai e o luto antecipatório pela gravidade da doença do genitor com risco de óbito.

Nesse sentido, em Gestalt-terapia, a clínica da criança ferida no adulto é uma clínica do luto. Através da relação dialógica e de outros instrumentais clínicos, fundamentados nas teorias e nas filosofias de base da abordagem, o Gestalt-terapeuta promove um ambiente seguro de experimentação das dores da infância, fomentando um trabalho de luto da ilusão infantil. Para isso, faz-se necessário o suporte para a agressividade dentária do paciente que possibilitará a desconstrução dos introjetos e das Gestalten fixas.

Com isso, espera-se que, gradativamente, a cura existencial aconteça, enquanto fenômeno relacional, no sentido de uma melhor integração de partes do self. Isso se dá em um campo cocriado, a partir de uma relação genuína e do estabelecimento do amor terapêutico, com vistas na relação Eu-Tu. A cura existencial promovida pelo cuidado amoroso engendra em novidade

de contato, em que o adulto pode se permitir existir de modo mais fluido e autêntico. Assim, a clínica da criança interior ferida no adulto, enquanto uma clínica do luto, é também uma clínica do amor terapêutico

à medida que faz o paciente experimentar o que não vivenciou em sua tenra infância: o amor. É isso que faz a clínica gestáltica ser além de ética, estética.

REFERÊNCIAS

- FAROASSIS, G. A. P. **A abordagem gestáltica com gays em processo de morte pela Aids: experiências em clínica ampliada.** Em ALVIM, M., BARROS, P., ALENCAR, S., &
- BRITO, V. (Orgs.), **Por uma gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual.** Porto Alegre: Editora Fi, 2022.
- ASSIS, G. A. P., MOTTA, H. L., & SOARES, R. V. Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno. **Revista do Nufen**, v. 11, n. 1, p. 39-54, 2019.
- CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica.** São Paulo: Summus, 1994.
- CARDELLA, B. H. P. **O curador ferido e a clínica contemporânea: ensaios de Gestalt-terapia.** Amparo: Gráfica Foca, 2023.
- CUKIER, R. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto (7a ed.).** São Paulo: Ágora, 2017.
- DELACROIX, J. M. **A terceira história: a estética da relação terapeuta-paciente.** Macaé: Ecovivê Edições, 2022.
- GIMBO, L. M. Notas sobre a raiva: clínica gestáltica e usos do corpo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 29, n. 1, p. 1-14, 2023.
- GINGER, S. & GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato (5a ed.).** São Paulo: Summus, 1995.
- HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica (3a ed.).** São Paulo: Summus, 1995.
- HYCNER, R. & JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.
- LOBB, M. S. **Do-agora-para-o-que-está-por-vir na psicoterapia: a Gestalt-terapia recontada na contemporaneidade.** Belo Horizonte: Artesã, 2023.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1945/2018.
- MILLER, A. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional das crianças.** São Paulo: Summus, 1997.
- MOTTA, H. L., ASSIS, G. A. P. & SATELIS, L. R. A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26(especial), p. 382-392, 2020.
- PERLS, F. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud (3a ed.).** São Paulo: Summus, 1942/2002.
- PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** Rio de Janeiro: LTC, 1973/2020.
- PERLS, F., HEFFERLINE, R., & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia (3a ed.).** São Paulo: Summus, 1951/1997.
- PERLS, L. **Vivendo en los límites.** Valencia: Promolibro, 1991/1994.
- PRADO, A. **Reunião de poesia.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.
- RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica (9a ed.).** São Paulo: Summus, 2021.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: por outros caminhos.** São Paulo: Summus, 2022.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências (7a ed.).** Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- SCHILLINGS, A. **A infância obliterada pela opressão familiar.** Em SILVA, D. M. & SILVEIRA, T. M. (Orgs.), **Casais e famílias: questões contemporâneas (Vol. 2).** Curitiba: Juruá, 2022.
- YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia (3a ed.).** São Paulo: Summus, 1998.
- ZANELLA, R. **Um olhar vazio, uma ferida na alma, uma possibilidade de ressignificação.** Em SILVA, D. M. & ALEGRIA, C. M. (Orgs.), **Sofrimento infantojuvenil na Abordagem Gestáltica.** Curitiba: Juruá, 2023.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



A PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NA ASSISTÊNCIA SOCIAL: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO A PARTIR DE UM OLHAR GESTÁLTICO.

Maria Alicya Teixeira Alves Firmo¹

RESUMO:

O presente artigo busca realçar a importância de olhar para a totalidade na qual o sujeito em vulnerabilidade social está inserido e para isto, faz-se necessário analisar como se dá a construção do Sistema Único de Assistência Social no Brasil, evidenciar os procedimentos que acontecem no Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS) e destacar a importância da clínica ampliada através de um olhar gestáltico na Assistência Social. Para isto, fez-se necessária uma pesquisa de cunho bibliográfico, realizada principalmente a partir de artigos científicos. Diante do que foi analisado, percebeu-se que como o sujeito que é assistido pelo CREAS é vítima de diversas violências, na maioria dos casos, não é possível fazer intervenções adequadas sem olhar para a totalidade, como acontece na clínica gestáltica.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia. Assistência Social. Acompanhamento terapêutico.

¹ Psicóloga e Gestalt-terapeuta.

1. INTRODUÇÃO

A história da assistência social no Brasil, até a promulgação da Constituição Federal de 1988, não reconhecia essa atividade como uma política pública que deveria garantir direitos do cidadão. Durante o período colonial, por exemplo, a assistência social baseava-se em ações filantrópicas. Já no início da República, a assistência social estava ligada à noção de higiene pública e ao controle das famílias que não se encaixavam no projeto civilizatório. Com o surgimento do Estado de bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil adotou o modelo meritocrático-particularista, que enfatiza a capacidade das pessoas de resolver suas próprias necessidades por meio do trabalho e do mérito pessoal. No entanto, isso levanta questões sobre como garantir direitos para aqueles que não têm trabalho ou estão impossibilitados de produzir socialmente.

Antes da criação do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), as pessoas dependiam de ações filantrópicas, medidas assistencialistas e políticas compensatórias, que muitas vezes não visavam diminuir as desigualdades sociais, mas sim perpetuá-las. Por isso, tornar-se-á evidente, ao longo deste texto, que os direitos surgem quando há aumento de poder sobre o outro e é preciso garantir esses direitos para aqueles que são marginalizados e desumanizados, sendo um dos motivos nos quais o SUAS e seus equipamentos são tão necessários à população brasileira, para que assim, haja, em alguma medida, a garantia de direitos desses sujeitos que são marginalizados e torna-se uma forma de combater a invisibilidade e a desumanização.

Para isto, faz-se necessário um trabalho em rede e de abordagem interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional, onde cabe adentrar a estes serviços, a profissional de psicologia, utilizando-se por exemplo, da abordagem gestáltica que enxerga o sujeito como uma totalidade, considerando sua dimensão bio-psico-socio-espiritual e conseqüentemente, a influência dos fatores sociais em suas questões psíquicas.

Uma das formas de ler o contexto no qual o sujeito está inserido é através da clínica ampliada, que possibilita intervenções em contextos em que as relações humanas estão fragilizadas e até mesmos, rompidas,

como são os casos que chegam ao Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS). Nesse sentido, a psicologia pode ser vista como uma abordagem de transformação social, buscando desenvolver potencialidades e possibilidades de ajustamentos criativos tidos como saudáveis junto aos usuários que chegam fragilizados no equipamento.

Vale ressaltar que, por mais que o CREAS não seja uma política pública de saúde, o serviço oferece atendimento individual, nomeado de escuta qualificada, que se utiliza dos princípios da clínica ampliada, sendo nítido, então, que a atuação da psicologia no CREAS é marcada pelo cuidado de forma integral com o assistido e suas famílias, buscando garantir direitos e atender às demandas sociais.

Para isto, ao longo do texto objetiva-se descrever como se dá a construção do Sistema Único de Assistência Social, evidenciar os procedimentos que acontecem no Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS) e destacar a importância da clínica ampliada através de um olhar gestáltico na Assistência Social, a fim de realçar a importância de olhar para a totalidade na qual o sujeito em vulnerabilidade social está inserido.

2. CONSTITUIÇÃO SOCIAL: Afinal, constituição cidadã para quais cidadãos?

Até a promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, a assistência social não era tida como uma política pública que deveria garantir direitos do cidadão e nem como um dever estatal. No Brasil Colônia (1530 – 1822) a assistência social se dava a partir de ações filantrópicas, assim pautava-se em “valores e interesses que se confundiam com dever moral, vocação religiosa ou sentimento de comiseração” (CREPOP Apud PEREIRA, 2007), com isso, observa-se que para o semblante “humanitário” do período, onde o cristianismo prevalecia, não poderia ser admitido que o pobre, o doente, o marginalizado ficasse à mercê de sua “não-sorte” ou de sua “des-graça” (Schons, 2007), por isso era tido como um dever moral, uma voca-

ção religiosa ou um ato de compaixão, mas em nenhum momento como direito e dever do estado.

A partir do período republicado (1889) “a assistência social era compreendida a partir da higiene pública [...] que propunha controle e segregação daquelas famílias que não se adaptavam ao projeto civilizatório” (CREPOP, 2012, p. 29). No entanto, é válido ressaltar que o começo do período republicano é marcado por muita riqueza advinda do café e conseqüentemente essa riqueza se concentrava nas mãos da minoria como rege o sistema capitalista desde sua gênese, assim, o cenário de desigualdade era vigente. Então, não se adaptar ao projeto civilizatório poderia consistir em não se render a mão de obra escrava e ao sistema, fato na atualidade, o sujeito que não é coagido a tal forma de funcionar – onde o trabalho se tornou prioridade máxima na vida –, é nomeado de forma pejorativa como louco e ou até mesmo, vagabundo. Isso explicaria por que a assistência social ser um ato de higiene pública, pois iria exigir menos recursos dos governantes retirar esses sujeitos do convívio, já que eles ameaçavam à moral vigente, como também acontece na contemporaneidade de forma menos explícita.

Por mais que o termo Estado de bem-estar social só surja após a Segunda Guerra Mundial, todo o processo de industrialização acontecia desde o século XVIII. Assim, é possível afirmar que a guerra foi o estopim para desvelar as misérias que aconteciam e estavam camufladas pelo gozo do capitalismo, então com as atrocidades desveladas pelas grandes guerras as crises de desigualdades sociais emergiram.

Como supracitado, o Welfare State (ou Estado de Bem-estar social), segundo Draibe (1988/1993), possui três regimes: socialdemocrata, regime ou modelo conservador/corporativista (conhecido como meritocrático-particularista) e regime ou modelo residual ou liberal (2003, p. 106). No Brasil, para Draibe, predomina o modelo meritocrático-particularista, que parte da premissa que “as pessoas devem estar em condições de resolver suas próprias necessidades com base em seu trabalho, em seu mérito, no desempenho profissional, na sua produtividade” (Draibe, 1993). No entanto, e quem não tem trabalho e profissão, quem está doente e conseqüentemente impossibilitado de

produzir socialmente?

Durante toda a história que antecede a criação do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), as pessoas ao invés de morrerem à mercê de sua má-sorte, viviam esperando por ações filantrópicas, ações políticas compensatórias (que consistia em oferecer algo em troca de um voto, por exemplo) ou medidas assistencialistas. Segundo Pereira (2007, p. 64), consiste no “uso distorcido e perverso da assistência – ou a desassistência” (Apud CREPOP), que não objetivava romper ou diminuir os processos de desigualdades sociais, mas sim a perpetuação desses lugares, pois é assim que se configuram as relações de poder. A partir disso, surge a luta pelos direitos, “nascem quando o aumento de poder do homem sobre o homem [...] ou cria novas ameaças à liberdade do indivíduo, ou permite novos remédios para suas indigências” (Schons, 2008, p. 57). A partir do momento que alguém ou algo passa a exercer poder sobre o outro, é preciso que haja algo ou alguém para garantir os direitos desses sujeitos que são marginalizados, invisibilizados e desumanizados.

Para Schons (2008), é no contexto da Revolução Industrial, da formação do sistema capitalista e da classe trabalhadora, que as questões sociais que marcam aquela época são omitidas. No entanto, há um momento que não há mais como esconder, porque as desigualdades sociais começam a se apresentar em diversos contextos: nas ruas com as pessoas que vivem em situação de rua e/ou em situação de mendicância, nos bairros que passam a serem vistos como “favelas” porque é onde as pessoas que são vítimas do sistema conseguem morar, dentre outros.

Só em 1993, anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988, que foi implementada a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), que regulamentou a Assistência Social como política de garantia de direitos no Brasil (CREPOP, 2012), como prevê em seu artigo primeiro que

A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prevê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas (Lopes, 2012, p. 249).

No entanto, essa afirmativa abre margem para questionar o que seriam esses mínimos sociais e se eles estão sendo garantidos, principalmente na conjuntura brasileira atual, onde tinha-se em 2021, cerca de 12 milhões de desempregados (IBGE) e mais de 220 mil pessoas em situação de rua (Natalino, 2020), mesmo com a Constituição Federal de 1988 prevendo direito à moradia. Reitero, é uma constituição cidadã para quais cidadãos? Por isso os Centros de Referência que compõe o SUAS se fazem necessários, para lutar e garantir os direitos daqueles que não são vistos, por grande parte da população, como cidadãos.

3. Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS): A luta por direitos violados.

Por ser um equipamento público e do SUAS, é comum se imaginar que é apenas para as pessoas de baixo poder aquisitivo, no entanto

A violação de direitos, o agravamento de situações de risco pessoal e social, o afastamento do convívio familiar, a fragilização ou rompimento de vínculos e a violência intrafamiliar ou doméstica acontecem em todas as classes sociais (CREPOP, 2012, p. 32).

Assim, é possível verificar que o público chega ao CREAS encaminhado por juízes, promotores ou conselheiros tutelares, a partir de denúncias, eventos de violência intrafamiliar (financeira, física e psíquica são as principais recebidas no campo supracitado), ato infracional, por busca ativa ou demanda espontânea que consiste na pessoa que sofreu a violência ir até o equipamento solicitar suporte. Geralmente, os casos que são encaminhados por juízes, promotores e pelo Ministério Público tem prazos para que sejam feitos os atendimentos, sendo, então, tidos como prioridades, mas vale ressaltar que nesse campo, todos são vistos como relevantes e importantes tendo em vista as demandas que chegam.

O Sistema de Garantia de Direitos (SDG) é composto por diversos órgãos públicos, como o sistema judiciário, polícias civil, militar e federal, conselhos tutelares, CREAS dentre outros. Assim, é preciso que funcione

em rede para que seja possível a superação da situação de direito violado dos assistidos. Portanto, o trabalho no CREAS deve possuir natureza interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional (CREPOP, 2012).

Pensando em violência enquanto violação de direito, Minayo (2006) tipifica as violências a partir do Relatório Mundial da OMS, onde afirma que existem violências auto-infligidas (como o suicídio e o auto abuso), violências interpessoais, que se subdividem em intrafamiliar, acontecendo entre parceiros íntimos e membros da família, e comunitária que acontece no meio social, tanto entre pessoas conhecidas como desconhecidas, e ainda, violências coletivas que acontecem no meio macrossocial, político e econômico. Minayo ainda nomeia a natureza da violência, que pode ser física, sexual, psicológica e a negligência ou abandono. Já para Balbinoti (2008), a violência é qualquer ato ou efeito de violentar, empregar força ou intimidar malmente alguém e ainda acrescenta que a violência contra crianças e adolescentes acontece em forma de negligência, violência física, sexual e psicológica.

Em cidades que existem o Centro de Referência da Mulher (CRM), é mais comum que as mulheres entre 18 anos e 60 anos, que são vítimas de violência de gênero, sejam encaminhadas ao CRM, e o CREAS responsabilize-se pelos casos que envolvem crianças e adolescentes classificados por Trombeta e Ferret (2016) como um problema social por atingir diferentes classes sociais. No entanto, é válido ressaltar que, em se tratando de violação de direito, é uma responsabilidade do equipamento.

O CREAS é o centro da assistência social que acolhe as pessoas que sofreram todos esses tipos de violência. Poderia nomear a mais comum, no entanto, geralmente quando se apresentam denúncias de violência já possui vários desdobramentos.

A negligência ou abandono é definida por Minayo (2006) como “a ausência, a recusa ou a deserção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados” (p. 82); a física consiste no “uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem” (p. 82); a sexual está relacionada com o ato ou jogo sexual nas relações que visam estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual; e a

psicológica consiste nas “agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda, isolá-la do convívio social” (p. 82). Se utilizarmos da definição trazida por Minayo para a violência psicológica, é possível concluir que também há violência psicológica nas outras formas de violência, tendo em vista que na negligência o sujeito será abandonado (o que também pode significar rejeitar como trazida na definição da violência psicológica); na física a vítima será ferida (ou aterrorizada e humilhada como traz a definição da violência psicológica); e na sexual, a vítima será também aterrorizada e humilhada por meio do jogo sexual que é feito com ela. Assim, Ferreira e Pimentel (2008) afirmam que a violência psicológica é silenciosa, tendo em vista que a reverberação dela acontece nas paredes das casas, no choro que é contido e escondido, na ilusão de que isso não irá acontecer novamente ou de que quem o agride, irá mudar.

Para Azevedo (1988), as consequências desses abusos podem envolver diferentes dimensões, como a física, psicológica, sexual e social, e seus efeitos podem ser devastadores e perpétuos. Na criança, por exemplo, os possíveis efeitos de conviver com a violência psicológica são a incapacidade de aprender, de construir e manter satisfatórias relações interpessoais, inapropriado comportamento e sentimentos frente situações e circunstâncias tidas como normais, humor infeliz ou depressivo, dentre outros sinais e sintomas que podem repercutir a curto e longo prazo ou, inclusive, refletir na vida adulta das vítimas (Abranches e Assis, 2011). Além desses sinais e sintomas somáticos, há o sentimento de ambiguidade que é vivenciado pela criança e pelo adolescente como a culpa, o medo de comprometer a família ou até mesmo o agressor e o sentimento de carinho e afeto por quem praticou a violência contra ela. Segundo Trombetta e Ferret (2016), é diante dessa ambiguidade de sentimentos que a criança/adolescente pede ajuda.

Perante esse pedido, acontece a denúncia e com isso, faz-se necessária, enquanto atividade da psicologia no equipamento, a escuta qualificada que:

De acordo com Oliveira e Silva (2012), a escuta qualificada é o processo de ouvir, problematizar, agir, podendo ser compreendida como algo que possi-

bilite as primeiras aproximações e o vínculo com o indivíduo, além de ser uma escuta qualificada, protetiva, no intuito de não revitimizar a criança ou o adolescente por meio de julgamentos (Trombetta e Silva, apud, Oliveira e Silva).

Desse modo, não acreditar no que é relatado pela vítima diante de uma escuta qualificada pode ser violento, dificultar a formação de vínculo, afastar a vítima do equipamento e ainda, pode correr o risco de banalizar o discurso, o que pode acarretar maior demora no acolhimento àquela vítima, principalmente de tamanha demanda que há nos equipamentos públicos.

Segundo Trombetta e Ferret (2016), o fato de acreditar nessa criança ou adolescente, acolher e encaminhar para onde for necessário e ajudar a simbolizar o acontecido é essencial para que esse trauma seja superado, sendo então necessário um ambiente acolhedor, agradável e que possa garantir a privacidade da criança e do adolescente, pois as pessoas em situação de violência já estão fragilizadas.

4 ATUAÇÃO DA PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NO CREAS: A Clínica ampliada e suas possibilidades através da clínica gestáltica

Na perspectiva de que se faz necessário um trabalho em rede, interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional para que seja possível contemplar a dimensão dos direitos violados, é válido ressaltar a importância do sujeito ser visto enquanto totalidade, como é visto na Gestalt-terapia, podendo assim, trabalhar suas potencialidades e as totalidades do sujeito, o que inclui o seu contexto social.

A Gestalt-terapia, por ser uma abordagem humanista, percebe o ser humano como um sujeito bio-psico-socio-espiritual. Portanto, entende que as questões psíquicas são atravessadas por fatores sociais que existem na vida daquele indivíduo, como se há ou não a presença de violência física, psicológica, insegurança alimentar, vulnerabilidade social e econômica, relações intrafamiliares fragilizadas ou não, rede de apoio, vida escolar etc.

Por isso, Belmino (2020) afirma que

a Gestalt-terapia é por definição uma clínica ampliada, um modo de se pensar a intervenção em todo e qualquer lugar aonde existem relações humanas fragilizadas, e que precisam de uma atitude diferenciada de atenção a essas demandas (p. 205).

Sendo o CREAS, a instituição onde as pessoas vão porque tiveram seus direitos ameaçados ou violados e conseqüentemente suas relações estão fragilizadas ou até rompidas, fazer uma clínica gestáltica ampliada consiste em possibilitar utilizar-se da profissional de psicologia como agente de transformação social, visando desenvolver junto com os usuários potencialidades e possibilidades de autorregulação e ajustamento criativo.

Na constituição desse campo institucional, a Gestalt-terapia, por sua matriz humanista, pode ser uma importante abordagem teórico-metodológica (compreensão e ação) no que se refere ao acolhimento, escuta qualificada e manejo do sofrimento das pessoas que tiverem seus direitos básicos violados.

A profunda empatia e a compaixão para com a dor e a situação da pessoa, condição necessária ao espírito humanista do terapeuta, quando autenticamente sentidas e não meramente funcionais, compõem um modelo humano poderoso, que tende a promover no cliente um novo olhar para o outro, ampliando nessa pessoa, pela sua e pela nossa semelhança com a condição humana comum, o despertar de sua empatia e da compreensão dos seus parceiros humanos (MENDONÇA, 2013, p.85).

Por mais que o CREAS não seja uma política pública de saúde, a profissional de psicologia também exerce o papel de profissional de saúde porque realiza atendimento individual, mesmo que não seja um processo de psicoterapia, é um processo de cuidado para com o assistido, podendo ser também um espaço que se utiliza dos princípios da clínica ampliada que, segundo Guarido e Campos (2001), “leva em conta toda a interação, o conflito e o convívio, todo o entorno do paciente, mobilizando-se para a busca de resultados no contexto social em que ele vive” (p. 41). Deste modo, quando a profissional de psicologia escuta o paciente, analisa a violação de direito, o que está no entorno

daquele paciente, quais as potencialidades daquele sujeito e daquele meio, há uma maior probabilidade de mobilização para buscar resultados e para encontrar formas de autorregulação e ajustamentos criativos para a vida daquele indivíduo, e conseqüentemente, está utilizando-se de princípios da clínica ampliada.

Ademais, como se refere Mendonça (op. cit.) sobre “empatia”, numa perspectiva buberiana, esse encontro humano autêntico é um ato de inclusão, e por ser mediação, considera a pessoa em sua totalidade.

Como supracitado, além de exercer o papel de profissional de saúde por realizar um cuidado para com o assistido, a psicóloga também luta e busca garantir direitos, realizando um papel de “advogada”. Marcelle Emerim em um vídeo disponibilizado pelo Afetos Espaço Terapêutico, utiliza o termo “advogado da diferença” referindo-se ao Acompanhante Terapêutico (AT), e mesmo não estando nesse lugar de AT na política de assistência social, a psicóloga ocupa um lugar de luta por advogar em nome dos direitos das pessoas assistidas, pois “o acompanhante terapêutico é um dos agentes que podem contribuir para o resgate da cidadania de pessoas que foram destituídas de direitos fundamentais” (Chauí-Berlinck, 2012). Assim, por mais que a psicóloga no CREAS não esteja como AT, há uma semelhança no que ambos os papéis buscam: garantir direitos. Assim, é possível concluir que a atuação da profissional de psicologia no CREAS é marcada por cuidado, luta e atenção, assim como o trabalho da Acompanhante Terapêutica.

O Código de Ética do Profissional de Psicologia, em seu Artigo 9º, afirma que “é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas”. No CREAS, onde a maioria das pessoas que são assistidas ou buscam tal equipamento estão em sofrimento porque tiveram seus direitos violados, elas já foram expostas, e estão expostas para um equipamento inteiro porque as pessoas que trabalham lá já tem conhecimento de quais os tipos de casos que chegam, inclusive, segundo Serra, Carvalho e Magalhães (2014), o acolhimento já começa na recepção dos equipamentos, devendo estarem sensibilizados e capacitados sobre a importância do sigilo e da privacidade

para com esses usuários. Assim é imprescindível que esse artigo 9º referido seja respeitado nesse ambiente de trabalho, para que o sujeito consiga confiar nas pessoas que a atendem, sentindo-se segura e protegida, e ainda, consiga entender tal equipamento e equipe, como um lugar seguro para ela, o que, conseqüentemente, pode possibilitar que seja construído um vínculo mais forte e honesto entre os assistidos e a equipe técnica, afinal, um dos princípios fundamentais do Código de Ética, é que a sua atuação deve ser baseada no respeito, na promoção de liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano.

Como adverte Lika Queiroz (2015), em se tratando de clínica ampliada, a gestalterapeuta vincula-se a uma demanda institucional, “estabelecendo conexões intra e/ou extramuros”, pois a vida da pessoa que procura o serviço não se resume aos relatos apresentados quando do acolhimento. Necessário se faz o conhecimento das relações familiares do usuário, sua rede de apoio, seus vínculos institucionais e o histórico de busca de ajuda em outros serviços sociais ou particularmente de saúde.

Uma contribuição que a Gestalt-terapia pode oferecer ao trabalho na clínica ampliada é a sua escuta fenomenológica, na qual o profissional busca compreender o sentido do fenômeno com o qual lida não com base em seus significados, mas em como essa realidade está sendo significada por aquele que a vivencia (BRITO, 2015, p.178).

A compreensão de que os serviços de assistência, como o CREAS, por exemplo, são no fundo clínicas ampliadas, como defende a autora, oferece uma possibilidade de reconhecimento e valorização da abordagem gestáltica no acolhimento e confirmação qualificadas da pessoa que sofre em face de ter seus direitos básicos violados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a trajetória da assistência social no Brasil, até a promulgação da Constituição de 1988, revela um panorama em que essa área foi historicamente relegada a ações filantrópicas e assistencialistas, sem o reconhecimento de seus beneficiários como cidadãos plenos com direitos garantidos pelo Estado. A mudança de paradigma com a Constituição Cidadã possibilitou um avanço significativo na forma como a assistência social é percebida e estruturada, ao reconhecer a importância de garantir direitos sociais e promover a dignidade humana. A implementação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e a atuação dos Centros de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS) são fundamentais para combater a marginalização e desumanização dos indivíduos em situação de vulnerabilidade. Ao integrar abordagens interdisciplinares, como a psicologia com uma perspectiva gestáltica, os profissionais têm a oportunidade de olhar para o sujeito em sua totalidade, considerando as múltiplas dimensões que compõem sua realidade. Assim, é imprescindível que continuemos a lutar por uma assistência social que não apenas atenda às necessidades imediatas, mas que também promova mudanças estruturais, garantindo que todos os cidadãos tenham acesso aos seus direitos e possam viver com dignidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de. Possibilidades de utilização da psicoterapia breve em hospital geral. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 94-106, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100008&lng=pt&nrm=i-so>. acessos em 07 dez. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric.

BRASIL, **Lei** n° 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, **Lei** n° 8.742, de dezembro de 1993.

BRASIL, **Resolução** n° 109, de 11 de novembro de 2009.

BRASIL, **Lei** n° 12.594, de 18 de janeiro de 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientação técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS**. Gráfica e editora Brasil LTDA, Brasília, 2011.

BRASIL. SUAS: O Ministério Público e a Fiscalização do SUAS. **Cartilha de Orientação**, Março de 2012.

BRITO, Maria Alice Q. Gestalt-terapia na clínica ampliada. In: FRAZÃO, Lilian M. e FUKUMITSU, Karina O. (orgs) A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia. **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas**. Vol. 03. São Paulo: Summus, 2015

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005. Psicologia, ética e direitos humanos.

CUNHA, Marcela. SÁ, Marilene. A visita domiciliar na estratégia de saúde da família: os desafios de se mover no território. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, N.º 44, p. 61-73. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100006> Acesso em 06 de dezembro de 2022.

FIORELLI, José. MANGINI, Rosana. **Psicologia Jurídica**. São Paulo: Editora Atlas, 2021.

Resolução CFP N.º 001/2009. Brasília, 30 de março de 2009. Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS Anotada. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Brasília. 2009

MENDONÇA, Marisete M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, Lilian M. e FUKUMITSU, Karina O. (orgs) Gestalt-terapia – fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas**. Vol. 01. São Paulo: Summus, 2013

MOREIRA, J. de O; ALBUQUERQUE, B. S. ROCHA, B. F. VASCONCELOS, M. A. M. Plano Individual de Atendimento (PIA) na perspectiva dos técnicos da semiliberdade. **Serviço Social & Sociedade**, 122, p. 341-356. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/0101-6628.026> > Acesso em 24 de setembro de 2022.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

Fluir



centro
gestáltico
de Fortaleza

CENTRO GESTÁLTICO DE FORTALEZA

www.centrogestalticofortaleza.com.br | fluir@centrogestalticofortaleza.com.br